

*Relatos
para as novas
gerações*

outubro/novembro/dezembro

2022

Viagem a Recife

por Sônia

A primeira viagem para Recife depois de muitos anos, porque antigamente era carta todo mundo sabe, a gente não tinha condições não tinha telefone nem nada, quando mandava carta demorava não sei quanto tempo pra chegar... umas 4 folhas de sulfite escrita, era uma comunicação rica porque parece que a gente tava vendo as pessoas vivendo tudo aquilo que se relatava.

Meu pai, dos 17 filhos, era o mais velho, Voinho era uma pessoa muito animada, se você não pedisse benção ele enfiava a mão na nossa boca.

Quando me casei meu sonho era levar meus filhos pro Voinho conhecer os bisnetos.



E fomos de Brasília com 8 pessoas, então foram: meus 3 filhos, meu pai, minha mãe, minha tia, eu e o Clóvis (esposo); era a 1ª vez que o Clóvis tava pegando estrada. Nós paramos muito na estrada porque minha filha tomava mamadeira e minha tia tinha incontinência urinária; não podia ver uma barrquinha que já queria ir no banheiro. Foi uma aventura, foi muito engraçado. Nessa

viagem meus filhos tinham muito contato com a natureza e a gente parava pra tirar foto; era pé de coco, pé de caju, pé de manga, quando chegamos em Alagoinha foi impactante porque era muito esburacado: a BR-116, eram crianças com enxada colocando terra nos buracos pros carros passarem; e a realidade daquelas crianças... um sol que estremecia o chão e eles de pezinho no chão... a troco de uma moeda de alguma coisa pra comer. Ali eu comecei a distribuir... eu dei chinelo, roupas das crianças que eu tinha levado, não pensamos duas vezes.

Quando chegamos na Bahia o motor da Brasília fundiu. E foi muito engraçado porque minha mãe ficou sentada com a sombrinha, com as 3 crianças e minha tia, e

a gente empurrava o carro; porque até então não sabia que o motor tava fundido. E empurra o carro, empurra... até que não teve jeito, tivemos que acionar o seguro, por sorte eu tinha feito seguro antes de ir. Aí tivemos que ir na concessionária, tive que comprar o motor,

ficaram com dó das crianças e me disseram: “-Pode usar o banheiro pra dar banho nas crianças”, aí dei banho nelas pra refrescar. Foram 5 dias de estrada porque parava muito, as crianças só iam mudando de colo; um pouco com a minha mãe, com meu pai, aí revezava. Eu tinha a minha filha do meio, a Marina era mais gordinha. Para o carro, “-Vamos trocar!”, aí mudava todo mundo de lugar de novo. Foi uma viagem abençoada apesar de todo perrengue dentro do carro. Quando chegamos lá foi só festa, meu vô aben-

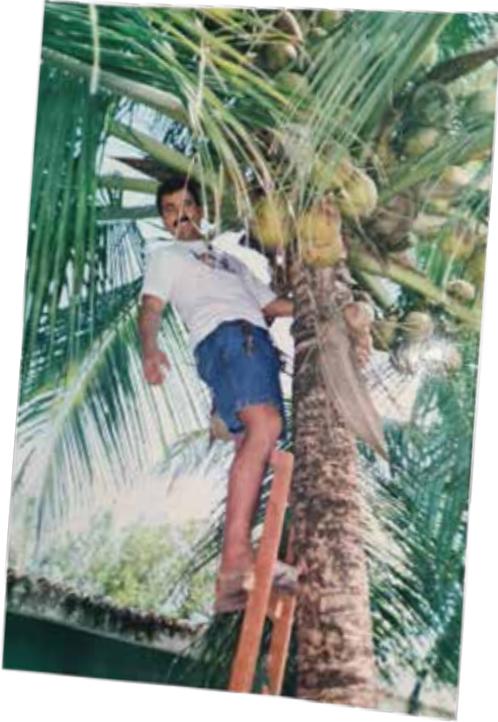


çoando os dois filhos novamente porque fazia 10 anos que não via... e a família toda, pessoas muito simples, aquelas casas humildes, mas um acolhimento fora do comum; eles faziam banquetes. As pessoas oferecem tudo o que tem e o que não tem.

Parece que a gente que era de São Paulo, eram reis e rainhas que estavam indo naquela terra pela primeira vez, fomos muito bem acolhidos, foi uma fartura e uma coisa linda de toda a família.

E quando nós voltamos, nós ganhamos, era uma forma de eles expressar a gratidão de ter ido lá visitar; e não eram só meus tios que eram 17, tinha os tios dos meus pais que faziam questão que a gente fosse, os primos do meu pai... então fomos ganhando coisas, coisas como coco, nós voltamos de viagem, mesmo falando: “-Tio, tia, não vou levar!!”; “-Leva sim um coco... se essas crianças tiverem dor de barriga sabe...” E nós viemos com mais de 50 cocos verdes no carro, com abóbora que chamam jerimum, um sem chinelo, sem sandália”, eu disse: “-Não, eu dei no meio do caminho tia, que tinham crianças descalças só de calcinha... e eu fui dando roupa também... mas eu compro, não tem problema nenhum!”, então foi muito importante a valorização na estrada de ver aquelas situações que eu nunca tinha visto na minha vida e ficou muito marcado.

Na volta os guardas iam parando e conforme a gente parava ia oferecendo coco verde: “-O Sr. não quer ficar com dois?!!”, porque o carro veio muito pesado. Fora que minha tia comprou no meio da estrada um filhote de papagaio; falavam que era papagaio, e vieram esses passarinhos tudo embaixo do banco; deixava eles no meio das pernas da gente, as gaiolas, mas quando chegava os guardas, e a gente ia parar, jogava pra debaixo dos bancos. Só que um dos guardas percebeu:



“-Levanta todo mundo! Sai um pouquinho do carro.”, o carro nem se mexeu, era tanto peso fora a bagagem em cima, aí nós: “-Não... o Sr. pega uns cocos aí...”, teve guarda que chegou a levar 5 cocos, aí acharam os passarinhos e foi uma confusão muito grande porque meu pai falou que não ia entregar e o guarda falou: “-Não, mas o Sr. não pode viajar com esses passarinhos!””, foi no Rio de Janeiro. Naquela discussão toda tivemos que entregar os passarinhos, minha tia chorou muito... mas eu acho que não era papagaio aquilo, devia ser um periquito e venderam como papagaio pra ela. E meu pai discutindo com o guarda, que eles já nasceram em cativo e o tio dele que tinha dado, “-Senhor, não tem tio deu nada! O Sr. tem que deixar... não pode, não pode. É proibido!””, e meu pai: “-Não não...”.

Depois de 1 hora, no fim, tivemos que deixar os passarinhos, ele veio tristonho. Chegamos ainda com coco em São Paulo, você acredita?...

De tanto coco que tinha, cada um foi dando um pouquinho, leva mais um, uns dava 2, 3 e a gente quase não bebeu água, só bebia água de coco no caminho. E a viagem foi mais curta porque aí o carro já tava bom, não parou, não tivemos que empurrar. Até hoje eu tenho dois pés de coco que foram presentes do irmão do meu avô, eu plantei no meu quintal um coco é amarelo e outro verde. Eles falam que o amarelo é medicinal, não é tão doce quanto o verde. É herança desses tios, que já partiram, no meu quintal.

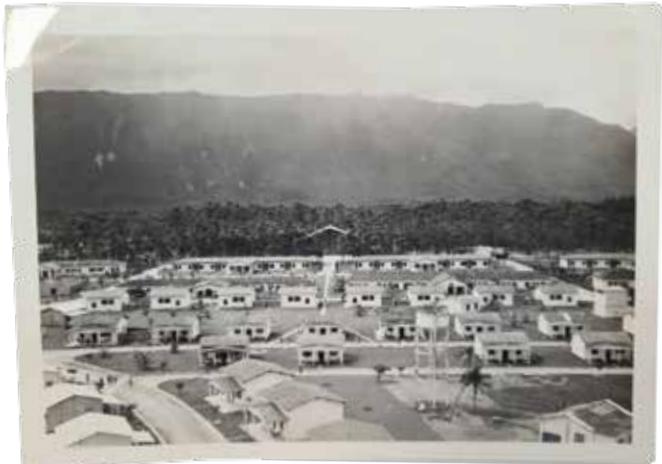
Foi muito cansativo, mas foi uma coisa que marcou a minha vida e do Clóvis também.

Adolescência no Sesc

por José Augusto

Um fato marcante pra mim foi minha adolescência referente ao Sesc Bertioga, devido ao meu tio que morava aqui e eu tive a oportunidade de conhecer e ver a evolução dele.

Desde 63 que eu vim a primeira vez e depois ficava aqui na colônia de 69 até 75, conheci muitas pessoas e isso mexeu muito comigo devido aos seguintes pontos: o Sesc antigamente era uma família, então você se relacionava com todos aqui dentro e tinha um horário que o pessoal combinava, saía da colônia às



17h ia na Dona Bota, uma barraquinha... e fazíamos peixada, caranguejada e depois mudava a semana e íamos na lapinha no fundo da colônia, perto do campo de pouso, um conhecia o outro e eu era muito vigiado aqui. Eu vinha de bicão e todo mundo sabia onde eu estava, se meu tio quisesse saber era só perguntar: “-Ah ele foi ali, foi



aqui...”, então era gostoso por causa disso: a integração e evolução das pessoas. O relacionamento era muito simples aqui, uma coisa básica, não existia tecnologia, o pessoal se reunia mais tinha muitas atividades, torneios, na minha época veio gente do Canadá, Portugal. Eles vinham como dependentes das pessoas que moravam aqui e a gente trocava idéia,

isso mexeu muito na minha adolescência e o que virou o José Augusto hoje, isso me ajudou muito a trabalhar sendo filho único. vcs já viu né?!... Tinha tudo que era mimo, mimo daqui, mimo de lá e isso ai atrapalhou muito pra mim, então chegava e

você tinha que começar a se relacionar, foi muito gostoso e eu sempre fui falante, passou os 25 anos eu comecei a falar mais, antigamente era mais quieto, mais tranquilo e eu observava muito, uma por receio de ver como que era e depois não, a integra-

ção quando comecei a trabalhar e até hoje, e aí passou essa idade aí e você fala mesmo pelos cotovelos tenta se relacionar e ficar amigo de todos, se bem que hoje é muito difícil você falar: “Ah ele é meu amigo.” Eu tenho diversos conhecidos mas amigos mesmo é muito difícil. Não é que eu seja chato, mas é muito difícil.



Uma coisa que mexeu muito comigo aqui também é que eu conheci uma pessoa, hoje ela mora nos EUA. Eu demorei 40 anos para encontrá-la de novo, ela morava em Minas e pelas

redes sociais eu comecei a procurar colocar o nome e não achava, em 2016 encontrei mandei mensagem e era ela, me relaciono com ela até hoje... 40 anos atrás numa boa.

Isso me marcou muito aqui, foi conhecer muitas pessoas, ver como o pessoal se portava e isso me ajudou na minha vida dali pra frente.



Não me arrependo de nada, se tivesse que voltar tudo, faria tudo de novo.

1922 - Viagem a Jericoacoara

por Sueli

Um fato que me marcou bastante foi uma viagem que eu fiz pra Jericoacoara no Ceará, porque fazia uns 3 anos que eu estava tentando ir pra lá mas sempre acontecia alguma coisa que não dava certo e dava errado, foi uma aventura porque hoje a coisa



está bem estruturada lá, mas antigamente não, era uma coisa bem rudimentar mesmo, a gente saiu de Fortaleza era 6 da tarde e a gente foi chegar em Jijoca de Jericoacoara era meia-noite. Então eu lembro perfeitamente do caminho que a gente fez, era uma estrada vazia, você olhava dos lados era aquela caatinga, de vez em quando você via um casebrinho com uma luzinha, bem assim apagadinha, mirradinha, na hora eu pensei... “Pôxa vida se acontecer alguma coisa aqui, um desastre, alguma coisa, daqui uma semana o pessoal vai ficar sabendo o que aconteceu...”, porque era um lugar bem precário e depois quando chegamos em Jijoca tivemos que sair do ônibus e para atravessar as dunas a gente teve que ir no pau de arara, era um caminhão, foi muito

engraçado a turma era muito divertida, a guia que foi com a gente era a Jeri moça, a gente apelidou, brincávamos muito com ela. Tiramos fotografia, era aquela escuridão enorme, o flash cegava a vista da gente.

Ficou tudo muito bem marcado, a simplicidade de quando chegamos lá; um lugar muito simples, não tinha luz elétrica, ligaram gerador na pousada onde ficamos pra nossa chegada. Depois eles deram kit vela e fósforo pra gente poder se virar durante a noite, pra gente não se assustar com insetos que poderiam invadir o lugar.

Pra você ver a precariedade né?! Foi um lugar lindo, maravilhoso, a natureza exuberante, eu lembro que nós subimos uma duna que se chama: “Duna do Pôr do Sol”, lembro até hoje que eu fechei os olhos, abri os braços e eu senti Deus, sabe?!

Aquela natureza... tenho uma foto onde eu escrevi que foi o local que eu mais senti a presença de Deus mesmo sabe?!.. Como se ele estivesse me tocando... porque aquilo lá era uma coisa muito marcante.

Vestibular e Faculdade

por Silvana

Um fato bem marcante da minha vida mesmo foi quando eu passei no vestibular no início dos anos 80.

Eu não me continha de felicidade, eu teria que pegar um ônibus circular e tive que ir a pé, era tanta energia!!

Eu vim de uma educação bem restrita, não podia sair de casa, não podia isso, não podia aquilo, era tudo cheio de regras de horário. Entrar na universidade pra mim significou uma libertação, fui morar sozinha né?!, fui morar numa pensão e fui fazer tudo que eu sonhava fazer longe dos pais.

No primeiro dia eu cheguei e chegaram umas meninas na pensão, naquela noite mesmo a gente saiu, saímos na hora que eu costumava voltar pra casa.

Foi um fato muito marcante, eu tinha muita curiosidade do mundo e eu não podia me manifestar dentro de casa, a sorte é que meu pai sempre incentivou a estudar, eu fui estudar

numa das melhores universidades do estado de São Paulo, a UNESP, sou formada em Ciências Agrárias e Veterinária, uma experiência muito marcante foi fazer o “Projeto Rondon”, eu fui pro Amazonas, fiz “Projeto Rondon” no Vale do Ribeira... A universidade me promoveu uma expansão de vida, me abriu todas as portas de conhecimento sabe... sou muito grata a aquilo que eu aprendi, a universidade, aos estudos e tudo que sou hoje... eu agradeço, os professores que conheci... foi fantástico!!

Pra mim, a educação, ela é libertadora, por mim não ficava nenhuma pessoa sem estudar jamais, então esse fato pra mim foi muito marcante... a liberdade, eu conseguir ter o acesso às informações que eu queria... era do interior de São Paulo, fui estudar com muita gente de São Paulo, os paulistanos, um mundo novo, foi muito legal.



2017 - Superação no Caminho de Santiago

por Augusto

Eu tive uma crise de ciático, 5 dias de hospital quase fui operado da coluna, e aí fui fazer fisioterapia para me recuperar e eu falei: "Gente eu vou usar o ciático como um meio de convencê-la (a minha esposa Emília) a fazer o caminho de Santiago comigo."

Aí eu fui planejando, eu sou uma pessoa que aprendi muito a fazer planejamento como executivo de multinacional, planejei o plano A, plano B e tudo...

O plano A seria fazer o caminho inteirinho, o plano B era fazer o caminho numa cadeira de rodas e ela ir empurrando (muitos risos), o plano C era desistir e voltar com o rabo entre as pernas.

A coisa aconteceu... quando começamos o caminho eu saí de Paris e fomos até a Espanha e fui o tempo todo com o ciático dando choque na perna e arrastando a perna, eu já tava pensando no plano C mas eu falei, não vou desistir eu vou continuar e ela topou, nenhum médico concordou pra eu fazer o caminho, até o Dr. Arnaldo

não concordou, meu filho que é ortopedista não concordou e o meu neurologista que quase me operou não concordou.

Quando eles viram que eu não desistia, o neuro que eu fui na última consulta disse: "-Olha, você quer fazer mesmo né?! Então se você conseguir fazer o caminho eu quero um vinho da Espanha", eu falei: "-Combinado Dr., se

eu conseguir fazer o caminho eu trago esse vinho." Só pra você ver o clima que saímos daqui...



Aí a gente preparou ela (a esposa Emília) com uma injeção de um pré-opiáceo, mais forte do que morfina, se eu tivesse um acidente no caminho e começasse a estrebuchar de dor ela iria aplicar a injeção.

Quando saímos da Espanha, meu ciático estava dando muito choque, a mochila tive que levar o mínimo possível de peso, a maior parte Emília estava carregando, e fomos..., usei todas as técnicas pro caminho, aquele bastão para caminhada... quando chegamos na 1ª marca do caminho de santiago uns 5 km... Gente! vocês não sabem o que aconteceu, dá vontade até de chorar... a dor sumiu!... peguei o bastão e falei, vamos em frente!!



O plano na melhor das hipóteses era: “-Se eu conseguir eu vou até o próximo albergue”. Eu fiz o planejamento do caminho de albergue em albergue, então a gente andava 16 no máximo 20 km e parava pra se hospedar e no dia seguinte continuava... mas quando eu senti que a dor foi embora eu decidi pular este albergue e ir pro seguinte 32 km e ela topou... nós caminhamos 32 km no 1º dia, aí nos outros dias mudei o planejamento para 16 km no máximo 20 km porque se você fizer mais que isso você não aproveita o caminho.

Foi um fato extremamente marcante pra mim, principalmente porque era uma coisa que eu queria muito conseguir, fazer o caminho com ela porque eu já tinha feito vários outros caminhos... mas eu queria fazer com ela e eu consegui fazer o caminho. Acho que eu sou abençoado, fizemos o caminho melhor do que o plano A, porque eu voltei com uma experiência de vida muito grande (muita emoção), os exemplos que a gente dá para os filhos e netos... nós estamos aqui não é só para a gente se auto-realizar, você tem que ter uma história pra contar, não é só contar a história, você tem que fazer a história... o vovô fez com tudo contra, até meu filho falou: “-Pô pai você conseguiu!!” o que eu ouvi de: “-Pô pai, pô pai, pô pai pq vc vai fazer isso??!!” E assim vai indo... então esse foi um fato pra mim, extremamente marcante, foi a melhor viagem que eu fiz, agradeço muito a Deus por me dar essa condição e agradeço muito a ela (esposa Emília) porque ela foi realmente o suporte.

O neurologista quando cheguei lá, o sorriso que ele abriu quando entreguei a garrafa de vinho... essas coisas não tem preço.

Nascimento Filho e Neta

por Marly

Um fato marcante na minha vida foi o nascimento do meu filho e da minha neta. Meu filho pelo seguinte, eu tenho 78 anos, portanto eu casei com 24. Naquele tempo não tinha pílula e a gente não sabia que podia engravidar com tanta facilidade. Eu tive duas filhas, uma da outra com um espaço de um ano só, então tem 1 dia no ano que elas têm a mesma idade.

Eu sou de uma família de muitas mulheres, eu e minha irmã, eu tive 2 filhas e minha irmã teve duas filhas, depois de 5 anos eu engravidei e naquele tempo você não sabia o sexo da criança, era só na hora que descobria, mas aí eu já tinha 30 anos e decidi que eu não queria mais filhos. Então fiz cesareana para já fazer laqueadura e aí foi uma surpresa muito grande quando o médico disse: “-É um menino!!” Naquele tempo eu não esperava e eu também não engravidei pra ter menino porque eu já tinha duas meninas e vamo combinar, que tava mais do que bom né?!... já estavam criadas as meninas, 5 e 6 anos... então engravidei e tive o Zé Paulo, que hoje está com 47 anos, não mora aqui, já faz 22 anos que ele mora na Califórnia.



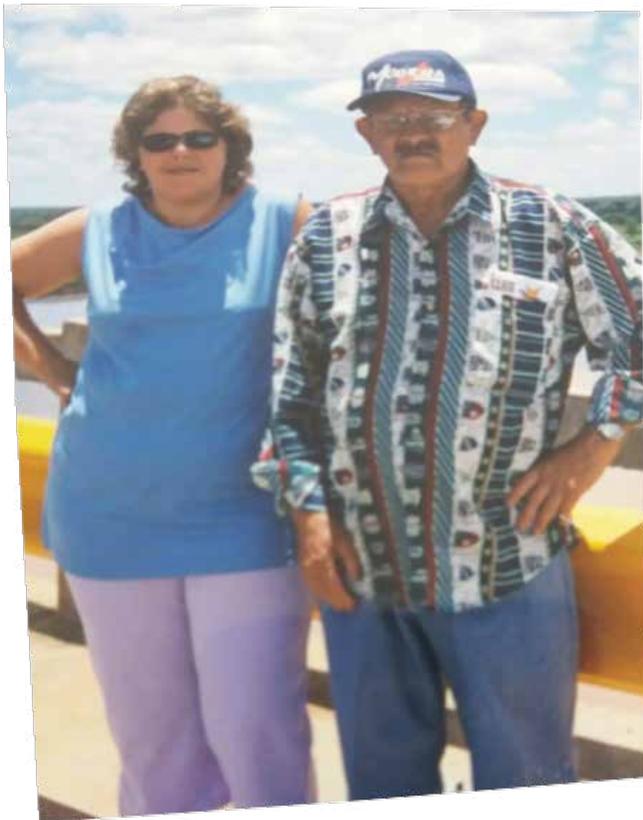
Eu sou professora formada em História, mas a minha carreira a maior parte foi feita dando aula para o Fundamental e eu tenho paixão por criança. Meu filho já tava lá na Califórnia, conheceu a esposa dele, quando decidiram engravidar descobriram que não conseguiam engravidar por conta de uma dificuldade do meu filho. Tem um nome isso mas não sei, o espermatozóide não atinge o óvulo, então aí nós passamos por essa experiência, eu tenho uma neta de proveta. O nascimento dela foi bastante complicado, não pela experiência, que foi tranquilíssima embora seja agressiva pra mulher eu acho, a mulher tem que tomar injeção, se submeter a uma série de interferências físicas e eu sou totalmente contra. Mas o casal optou por isso e a gente tem que respeitar. Ela passou super bem a gestação mas quando ela já estava próxima, tava com uns 8 meses por aí, ela pegou pneumonia, ficou entre a vida e a morte praticamente, então foi um nascimento bastante complicado, ela ficou 1 mês na UTI neonatal. Eu já estava lá, fiquei com eles.

Hoje é uma neta linda e maravilhosa e a gente se diverte muito com ela, é uma paixão!

Casa da Avó e Sapo Cururu

por Luzia

A primeira vez que fui visitar minha avó na Bahia, um lugar muito... muito simples, não tinha energia, não tinha água encanada era tudo no poço, na caixa d'água que vinha da serra.



Eu tenho muito medo de sapo. Eu tenho muito medo de sapo gente!.. na casa da minha vó tinha a casinha bonitinha lá, fogão a lenha, tudo bonitinho e o banheiro era lá fora... que aliás construíram esse banheiro porque sabiam que eu não ia no banheiro do matinho, tinha lá a casinha privada no meio do mato mas eu não ia nem de dia, nem de noite.

Construíram um banheiro normal como a gente tem em casa, chuveiro de água fria tal, fui tomar banho de manhã, escovar os dentes, entrei no banheiro olhei, olhei, olhei...

e não vi gente, eu juro que eu não vi, um cururu gente..., do tamanho da bolsa dela, eu conhecia sapo porque eu sou do interior de São Paulo, eu vim com 11 anos, eu não era uma ignorante no fato do sapo... eu sabia o que era um sapo... mas não um cururu.

Eu deixei a porta encostada porque eu tinha medo... aí o sapo cururu resolveu dar aquele pulo porque eu fiz barulho e tal..., eu não sabia se eu abria a porta, se eu pulava junto com ele... eu comecei a fazer uma gritaria, gente foi um fuzuê!.. minhas tias correram lá... acharam que eu tinha caído e machucado, era um sapo cururu!!! Todo mundo sabe lá que eu tenho medo de sapo, toda família lembra disso até hoje...

Viagem a Maceió

por Zé Luiz

A gente sempre viajou muito, em 91, a gente morando em São Paulo, com 2 filhos um de 10 e um de 12, e morando em São Paulo o lazer era muito difícil, a gente trabalhava pra caramba a semana inteira; e a gente falou: “-O que a gente podia fazer?!” Já tinha uma carreta barraca que já tínhamos viajado pro sul com ela... aí compramos um trailer, e deixamos ele num camping em Araçariguama que era pertinho de São Roque, e ali começou uma história legal, a gente não via a hora de chegar a sexta-feira e ir pro camping.



Em 92 a gente resolveu que íamos pegar o trailer e ir até Fortaleza, uma férias de 30 dias. A gente era sócio do “Camping Club do Brasil”, ele já estava decadente mas tinha alguns lugares que tinha camping e um deles era em Vitória da Conquista. Decidimos que a gente ia pela Rio-Bahia, que

era o caminho mais curto e fomos... aí começou a aventura... porque infelizmente as estradas estavam péssimas principalmente na divisa da Bahia com Sergipe e a gente dormiu a 1ª noite em Caratinga, cidade do Agnaldo Timóteo, dormimos na Polícia Rodoviária, o trailer tinha chuveiro tinha bomba e paramos ali primeiro. Uma coisa que aprendi de todas as viagens que eu fiz principalmente pro nordeste, que foram várias, que a gente com carro com placa de São Paulo entrou no Rio de Janeiro é parado!... é impossível!!

Eu tava puxando um trailer o guarda me parou, pediu o triângulo eu tinha 2, pediu pra ligar as setas, ele disse que a luz estava fraca, eu falei: “-Não vou andar a noite!”, não era um trailer Okm era 78 mas tava muito bem conservado. Ele falou: “-Não não... não sei o que...” aí passa um caminhão de aparas... detalhe: com a lanterna pendurada batendo no chão saindo faísca pra tudo quanto é lado. Sem sacanagem! Ele tava com meu documento na mão, eu puxei o documento da mão dele e disse: “-Acho

que você tem outra coisa pra fiscalizar!” fui pro trailer e fui embora... Aí aconteceu tudo, foi super legal! Paramos em Itabuna num posto na beira da estrada, o cara falou que poderia parar tomar banho, cheguei lá tinha um cano, ainda bem que era janeiro então tava calor... mas a Bene (esposa) odeia água fria, quando a gente entrou na Bahia eu gastei 2h e 40min pra andar 30km. Parava o trailer ele caía num buraco, nisso deu uma torção, a porta já não fechava, aí tive que parar. Perdi tempo pra caramba, fui soldar a parte do chassi que tinha quebrado embaixo, resumindo... a gente foi até Maceió, que eu falei pra Bene que não dava que o tempo ia ficar curto.

Lá no camping foi legal, não sei o que aconteceu que os meninos deixaram alguma lâmpada acesa e a bateria...



eu tinha uma cami-

nhonete que puxava o trailer uma F-1000, aí a bateria descarregou mas eu tinha um segredo que era pra acionar uma trava q dependia da bateria pra abrir o capô, e eu não conseguia dar partida porque o lugar não tinha jeito, eu não consegui abrir. Meu sobrinho tava junto com a gente. Fiquei, sei lá quanto tempo, pra entrar embaixo, soltar a trava, não tinha ferramenta; tive que emprestar... aí abriu beleza! Pegamos um cara, fizemos chupeta no carro pra recarregar a bateria, perdi tempo... mas foi bom. Voltamos pelo litoral, voltamos pela 101, escapamos dessa estrada ruim. Paramos em Porto Seguro na volta...



Pra gente, viajar é estar em casa, sempre foi. A gente viajou 20 e poucos dias porque ficamos uma semana em Porto Seguro e só choveu. Aí voltamos e foi uma das viagens, esse negócio de trailer, isso acabou indo para um sonho realizado que a gente tinha. Um sonho de ter um motorhome e tivemos... não temos mais porque ficou só nós dois. E a Bene (esposa) não é tão aventureira assim pra morar na estrada, eu moraria na estrada...

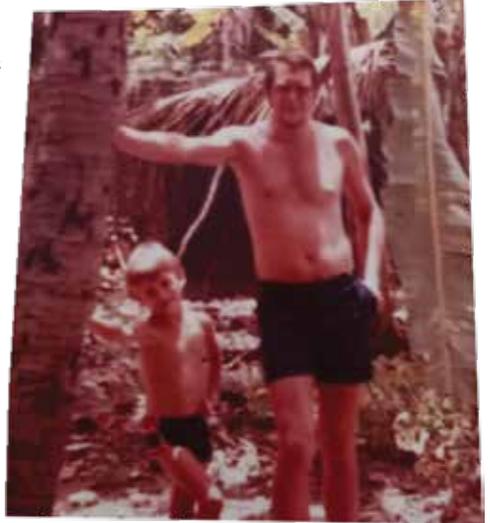
Viagem é a nossa praia.

Vinda para São Paulo

por Manuel

Eu vim do nordeste, nasci lá, eu lembro que com 11 anos os políticos apareciam lá na porta da minha mãe, com 11 anos eu já tinha entendimento, fui criado muito solto, amadureci muito cedo.

Um dia eu falei pra minha mãe, porque eles chegaram lá.. “-Mas ele tá enganando a senhora!”, olha eu com 11 anos, “-Mãe, cê num tá vendo que isso é mentira?!... é Mamanguape, eles estão enganando! Eles só estão vindo aqui a cada 4 anos e nunca fizeram nada!”, aí minha mãe: “-Cala a boca menino!!”, “-Mas mãe é verdade, a senhora vai ver, eles só vão aparecer por aqui daqui 4 anos.”. E foi toda a história de 200 anos. Mamanguape é a primeira cidade da Paraíba, que foi visitada por Dom Pedro, uma cidade histórica, que não saiu da miséria porque não tem uma indústria em Mamanguape. Porque a família que mandava em Mamanguape e Rio Tinto... era tudo deles, 6 meses trabalhava pra eles na cana e 6 meses você não tinha nada pra comer. A miséria era criada.



Rio Tinto era uma cidade industrial, cidade alta e baixa, 14 mil empregados foi uma cidade que prosperou mas quando os empregados se revoltaram com a miséria que tava lá... acabou. Eles mandaram todo mundo embora, fecharam a fábrica e tá lá..., hoje é um campus universitário e o outro tá abandonado. A fábrica da cidade alta tá derrubada, companhia de tecido paulista e companhia de tecido Rio Tinto que eram dos alemães, as Casas Pernambucanas é deles. A miséria continua.

Gosto muito de ir pra lá viver tudo isso, foi a minha infância. Eu não tinha vontade de ir pra São Paulo, mas aquela situação... Meu pai falava: “-Não vai embora”, “-Como não?! Como que eu vou ficar aqui?!”, “-Ah! Mas aqui cê tem comida”, “-Comida?! Eu preciso trabalhar, preciso fazer alguma coisa!”, ia fazer 19 anos, falei: “-Não, vou embora!”, eu tentei trabalhar mas não tinha condições. Os outros foram embora, só ficaram 2 irmãs.

Gente, vivemos num país que é um sistema, infelizmente é interessante manter esse país nessas condições, um país rico, não é todo mundo que vive bem... é revoltante.

Enfrentamento

por Maria Guilherme

Eu tenho uma história pra contar sobre um enfrentamento que eu mesma enfrentei. Eu tenho um histórico de doença. Eu tive câncer de mama em 2002, o primeiro, depois de alguns anos eu já estava completamente curada. Eu tive um câncer de pele, aí eu tratei e também me curei, e depois de exatamente 9 anos do primeiro, e a cura do segundo, eu tive um outro na mesma mama e aí eu tive que fazer a mastectomia.

O que eu queria contar é que essa experiência que eu tive de doença não é uma coisa que me abateu, eu sou uma pessoa muito feliz, eu sou uma pessoa muito animada, muito alegre. Eu pratico esporte, eu faço dança... e qual foi meu enfrentamento?!, eu nunca consegui falar pra ninguém sobre essa situação que eu vivi. As pessoas me conhecem, sou muito feliz, por isso tenho muitos amigos e sou privilegiada mas é um assunto que eu não conseguia chegar numa pessoa e já contar de pronto, somente os meus amigos íntimos, os mais próximos que sabiam dessa minha situação... eu acredito que aqui, muitos aqui, estão surpresos... porque é muito ruim quando você fala e você se apropria, vc fala: “- Olha! eu tenho...”-“Não, eu não tenho...”



Eu tive uma doença, eu fui curada, eu encarei e eu enfrentei. Eu fui uma pessoa muitíssimo abençoada porque eu fui vítima de erro médico; então é uma história bem forte.

Eu sou feliz e aconteceu... hoje eu sei que muitas pessoas podem passar por erro médico, há um tempo atrás ninguém podia abrir a boca, havia um erro médico e ninguém falava nada. Porque o médico era aquela autoridade e ninguém sequer duvidava.

Eu sempre cuidei muito da minha saúde, sempre fui ao médico uma vez ao ano, fiz todos os exames como toda mulher faz. O homem não!... o homem espera ficar doente... vocês fiquem atentos! Vocês tem que fazer check-up e exames.

Quando a gente descobre no começo, tudo tem solução; hoje em dia a medicina está avançada, tem muito conhecimento. Eu sempre fiz meus exames periódicos, criei meus filhos sozinha, eu fui casada por 14 anos, meu casamento não deu certo. Infelizmente o pai dos meus filhos, o meu esposo, achou que se separando de mim também separaria das crianças... e tá tudo bem; meus filhos hoje são dois homens formados, eu tenho muito, muito, muito orgulho! São pessoas de caráter, pessoas honestas, pessoas sérias e isso me envaidece, eu dei conta. A minha parte eu fiz.

A primeira vez que tive câncer na mama foi um erro médico, ele queria tratar da parte ginecológica e demorou 6 meses para me encaminhar para o oncologista, da segunda vez foi



um câncer de pele.

Foi muito rápido o tratamento, não teve desgaste porque eu descobri logo no início e foi tudo bem. Da terceira vez foi um tratamento mais forte que me derrubou.

Esse último, que foi em 2011, eu tirei a mama toda, que foi a mastectomia. Era muito difícil segurar um copo por causa das medicações, eu mal conseguia andar, não tinha força nas pernas, doía muito as extremidades.

Em 2021 completou 10 anos do meu tratamento, encerrou a medicação, na primeira vez o protocolo médico dava o tratamento por 5 anos, na mastectomia o protocolo médico mudou e eu tive que tomar essa medicação

fortíssima por 10 anos.

2021 foi o ano da vitória, foi o ano que encerrou meu tratamento, de lá pra cá eu tenho feito acompanhamento: no começo de 3 em 3 meses, depois de 6 em 6 meses, e agora eu tô anualmente. Até agora tá indo tudo bem comigo, graças a Deus eu estou bem.



Eu tenho dois netos maravilhosos que eu amo de paixão e a vida tá seguindo... eu me aposentei em 2018. Eu já cuidava muito das atividades físicas e com a minha aposentadoria eu tive mais tempo de cuidar de mim, de fazer as atividades que eu sempre gostei. Eu adoro dançar! tenho procurado dançar. Infelizmente veio aí a pandemia

que deixou a gente um pouco abatido, mas já estou de pé novamente porque eu sou brasileira, não desisto nunca.



O que mais me fez superar toda essa situação, porque minha história é de superação. Principalmente a superação de poder contar, de poder narrar todo esse processo que eu passei, e o processo de cura. O mais importante é que eu sempre fui uma pessoa extremamente positiva, eu nunca me vi doente, eu nunca olhei pra mim e assumi que eu estivesse doente, eu nunca falei: “-Eu tenho câncer”, eu tive... nunca falei pra ninguém... e o meu

fortalecimento foi tão bom dessa vez, com a maturidade né?! que chegou forte! Aí, eu consigo contar essa história e essa história; ela serve pra fortalecer pessoas que estão passando por esse processo, elas não podem desanimar, desistir, elas têm que encarar a vida com otimismo e aproveitar cada minuto de vida.

Eu vivo assim... um dia de cada vez, o melhor possível eu faço naquele momento... e assim vai a vida.

Dia das Mães - Trilha Atibaia

por Luiza

O pai dos meus filhos gostava muito de viajar mas viajar sozinho, aí minhas duas filhas falaram: “-Ah mamãe você tá aqui sozinha, é dia das mães, e a gente vai te dar um presente.”



O presente foi em Atibaia, tem uma pedra, pedra grande. Vamos fazer uma trilha, mas aquela pessoa que não fazia nada de muitas caminhadas longas... pra subir foi ótimo, eu fiz até aquele negócio que você sobe: rapel. Eu fiz rapel, foi uma maravilha. Minha filha disse: “-Mãe porque você tá com uma mochila tão grande?!” ... tô levando água e uns lanchinhos, eu vi que a juventude não leva as coisas, então levei água pra todo mundo, e bolachinha pra todo mundo nas minhas costas. Todos brincaram, fizemos picnic... só que na volta gente... juro!! Era pós-chuva, tinha muitas valetas e várias

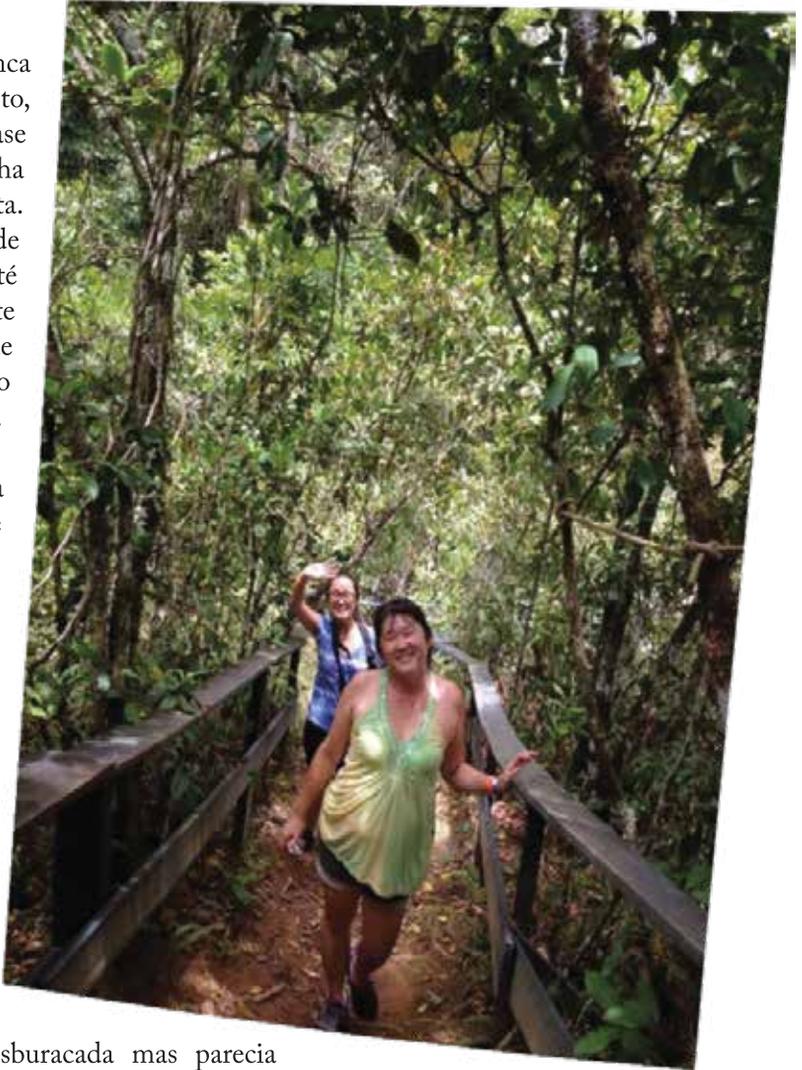
pedrinhas rolando por causa da chuva... eu juro se fosse um bombeiro lá, se o bombeiro conseguisse chegar lá pra me buscar, eu juro que eu não saía do lugar. Mas como não tinha jeito eu descia; mas eu cheguei a rolar várias vezes, virar cambalhota, tudo que eu não tinha feito a vida inteira, cá, rolei, minha calça ficou toda rasgada... gente eu não ia conseguir sair de lá se não tivesse uma outra menina que tinha menos possibilidade de chegar lá embaixo de volta... foi ela a minha inspiração.

Começou a escurecer e aquele mato cresceu, e eu sumida no meio do mato, uma filha aqui, outra lá, umas amigas esperando, e eu perdida... “-Mãe você tá bem??”, “-Tô chegando, calma!!” Cai nas valetas, nossa! eu nunca tive um dia tão, tão, tão presente de grego, tadinhas. Até hoje eu tenho um ossinho esmigalhado aqui deve ter sido daquela época.

Nossa eu nunca rolei e caí tanto, mas eu rolei quase que a trilha todinha de volta. Gente na hora de subir fiz até rapel!... gente mas na hora de voltar eu não conseguia voltar.

Foi uma coisa tão marcante realmente que depois chegamos todas empoeiradas, tinha uma pizzaria ali que nós conhecíamos e o moço: “-Onde vocês estavam??”, eu falei: “-Voltando de uma trilha!”, ele olhou pra mim

eu tava toda esburacada mas parecia aquelas pessoas sabe com a roupa toda rasgada... eu nunca me senti tão abençoada a hora que eu cheguei no chão lá embaixo; e demoramos 1 hora e meia pra subir, mas pra voltar acho que demorei mais de 3 horas pra descer.



Esse foi meu presente de dia das mães, gente!!

Fé em Deus

por Emília

Quando eu estava trabalhando, eu tinha meu consultório, e estava atendendo uma cliente. A gente estava falando, conversando sobre Deus. Ela disse pra mim que ela nunca conseguiu acreditar em Deus; nem na existência de Deus ela acreditava. Aí ela perguntou pra mim: “-Emília, como você pode me provar que Deus existe?” Aí eu fiquei pensando: “-Deus me ajuda, como é que vou provar que o Senhor existe?!” Aí eu falei pra ela: “-Olha a minha existência é a própria prova de Deus, que Deus existe.”

Quando eu era estudante de Odontologia, no primeiro ano, nós tínhamos a matéria de Anatomia e tínhamos que dissecar um c a d á v e r . . . dissecamos um cadáver. Gente, quando eu vi aquilo... quando nós



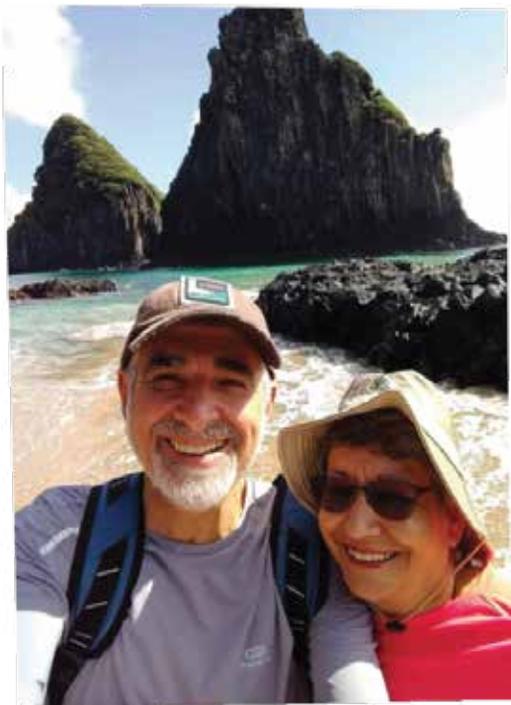
estávamos dissecando aquele cadáver e nós estamos dissecando a cabeça, pq o nosso foco era a boca. E quais são os nervos, as veias, as artérias que temos nessa região da boca, e além disso a gente viu também o cérebro, os olhos, o ouvido tudo... eu fiquei tão maravilhada que eu fiquei assim... “-Meu Deus!! Isso é prova que o Senhor existe; e foi o Senhor que criou todas as pessoas.” Não só as pessoas, Deus também criou todos os animais, árvores, mamíferos, répteis, tudo!

Eu não consigo acreditar que tudo isso foi criado por um boom!, não dá pra acreditar... Pra mim tem que existir um ser muito superior que criou todas essas coisas, não dá pra acreditar que Deus não existe... Porque surgir do acaso todos esses seres vivos, precisam... para mim precisa de um ser muito inteligente e superior que criasse tudo isso. Ai, eu creio que Deus existe, que esse ser superior que me criou e criou tudo isso do universo.

Superação

por Bene

Quando cheguei aqui, eu ia na praia com os filhos e o Zé Luis. Eu só ficava sentada, eu nunca entrei no mar, molhava o pé mas não entrava, porque aquele negócio lá (trauma por se afogar na praia) ficou na minha cabeça até que um dia nós fomos pro



nordeste nas férias e encontramos um casal de amigos japoneses. Aí minha amiga falava assim: “-O Bene, cê sabe que cê tem que entrar na água?”, “-Ué! Eu tenho que entrar na água por que? Se eu não tô com vontade? Eu tô olhando, eu gosto da praia, fico vendo as ondas, eu caminho...”, “-Não, mas você tem que entrar... porque a água do mar é uma coisa muito boa. Ela tira tudo as inhaca que a gente tem... toda coisa ruim”, eu falei: “-Mas eu não tô com coisa ruim nenhuma... não preciso entrar...” Mas aí, depois passou um tempo conhecemos um casal de amigos: a Maria e o Zezé; a Maria falou assim: “-Cê vai ter que entrar nessa água, mas eu não sei o que que eu vou ter que fazer.... mas cê vai ter que aprender... que cê tem que entrar na água.”

Olha!! Eu comecei a entrar na água... hoje com o frio que tá, eu saio pra caminhar e eu gosto de me molhar... eu amei, pra mim a água é uma coisa de outro mundo.

Pôxa vida! Eu tenho que agradecer, nossa..., eu sou super feliz. Esses dias que tava chovendo que não podia ir caminhar... aiii! que tristeza! Hoje nós fomos, falei: “-Hoje não vai ter jeito, hoje nós vamos caminhar na praia, e eu vou na água eu gosto de ir na água.” O Zé Augusto vai de tênis e eu não, eu quero por meu pé na água.

Hoje eu não vejo a hora que esse sol chegue pra mim poder entrar pra água.

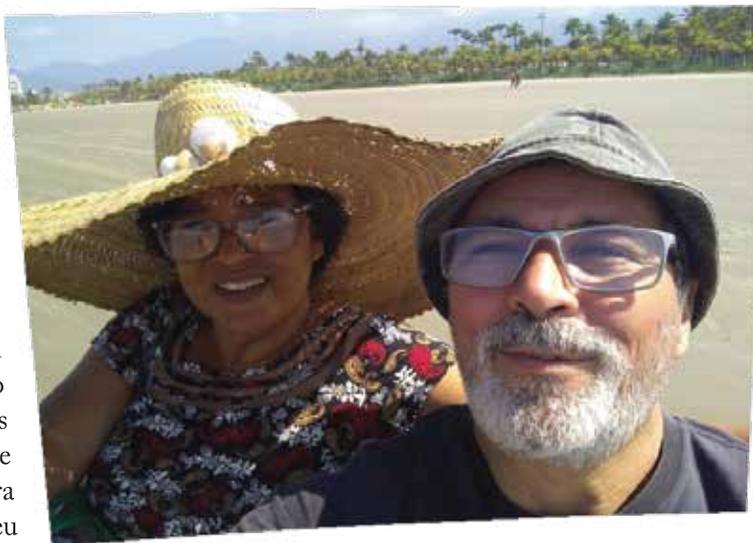
Eu já escolhi meu cantinho pra morrer que é aqui, minha amiga fala que não, que eu escolhi um cantinho pra poder viver. Eu falo pros meus filhos: “-Já sabem né?! Eu quero ser cremada e que jogue as minhas cinzas no mar!”

Amor pela Praia

por Clóvis

Minha paixão pela praia começou quando eu era pequenininho, ali na Conselheiro Nébias em Santos. Minha tia tinha um apartamento lá. Foi quando a gente ia passar as férias, eu e meus primos, foi aí que comecei a gostar da praia.

Eu tinha uma outra tia que morava em São Vicente e era gostoso ali. Aí começou meu gosto pela praia.



Depois em 83, quando a Sônia estava grávida do meu filho mais velho, a gente desceu aqui para Bertioga, e eu sempre conheci o

lado de Santos, peguei aquele guia, antigamente tinha um guia... “-Vamos descer por aqui...”, aí descemos... e ela com aquele barrigão. Quando chegou aqui embaixo era só buraco, quase que ela deu a luz no carro. Ela: “-Ai, ai, ai”, dentro da Brasília, até que a gente chegou ali no Indaiá, tinha uma barraquinha de peixe frito, fritou peixe... ficou até hoje aquele cheiro de peixe... Foi aí que eu gostei daqui, nossa que legal...

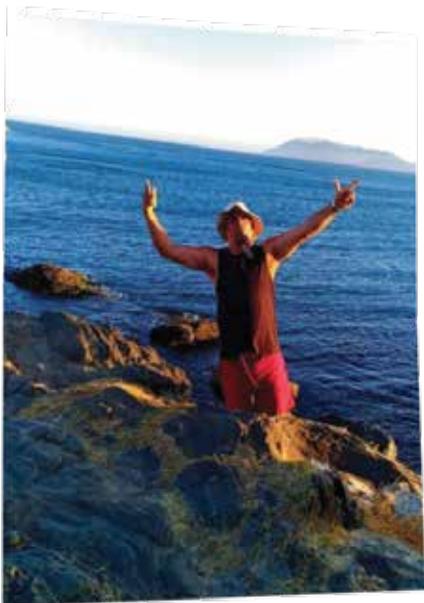
Quando ela (esposa) recebeu a indenização, ela pediu a conta da Caixa Econômica Federal. Aí a gente veio ver aqui. Já tínhamos vindo aqui né?, ficamos num hotel, as crianças brincavam em frente ao Sesc. Quando ela recebeu a indenização, aí compramos o terreno, tinha um vizinho que morava já fazia tempo, ele tinha uma pousada e me mostrou o terreno e comprei em 96. De 96 pra cá, tá construindo..., não terminou de construir ainda, sempre penso em fazer mais alguma coisa, mas eu tô contente de ficar aqui.

E quem nos incentivou a vir para cá foram nossos vizinhos. Antes da pandemia eu falei: “-Não vou trabalhar!”, mas aí decidi vir pra cá, aí começou a pandemia, e falei: “-Agora não dá pra entrar no Sesc não...” Parou tudo... mas passou... e a gente entrou agora, ainda bem!!

Apreensão de peixes

por Manoel

Eu fui policial militar por 31 anos. Sou estivador há 35 anos e minha vida foram muitas emoções.



Um fato que me marcou foi quando teve a apreensão da parelha. A parelha são duas embarcações, uma amarrada na outra e vai arrastando no mar recolhendo peixe; desse peixe eles pegam o peixe de maior valor comercial guarda no barco e o de menor valor eles jogam fora. Além disso, eles estavam usando uma malha proibida, a malha da parelha é 90 milímetros, medida entre ângulos opostos, e eles estavam usando malha de camarão de 45 milímetros, metade da malha permitida.

Aí fomos pra delegacia, foi feita a autuação da empresa. A Polícia Federal apreendeu os barcos, apreendeu os peixes... foram 4 toneladas de peixes. Tem uma reportagem que fala que a empresa estava questionando, que

não sabiam como tinha sido feita a medição da rede...

Teve uma também que o cara armou o barco pra peixe com espinhel e a licença dele era pra polvo... Teve também dos empresários que foram pescar na laje de Santos. Aí eu disse que quem vai pescar lá sabe o que tá fazendo que ninguém vai com uma canoa pescar em área de praia, eles foram com lancha, pessoas bem de vida né?!... sabiam o que estavam fazendo...



Foram muitas apreensões, muitas histórias e muitas aventuras.

Agradecimentos

pelos mediadores

Gostaríamos de fazer, antes de tudo, um agradecimento especial à Sandra Feltran, que acolhe e se dedica ao grupo TSI do Sesc Bertioga com grande afinho e entusiasmo, sempre em busca de atividades diferenciadas que possam, de fato, agregar valor para eles.

Sentimos que seu trabalho, presença e envolvimento, faz com que o TSI - Sesc Bertioga, não seja somente um grupo de participantes, mas sim, uma grande família.

Obrigado pela oportunidade de fazer parte de tudo isso!

Agradeço a todos vocês e ao Sesc pela oportunidade de poder realizar esse projeto. Foram dias incríveis, muitas tardes maravilhosas ouvindo as histórias e relatos de todos.

Meu coração agradece a confiança, o carinho, a atenção, o tempo dedicado.

Aprendi muito com todos os relatos, foi uma experiência muito marcante poder compartilhar esse projeto com vocês, sem vocês nada disso teria acontecido, MUITO obrigada!

Já sinto saudades dessas tardes de quarta-feira.

Desejo que vocês continuem realizando sonhos, vivam com essa alegria contagiante e aproveitem tudo de melhor que essa vida pode oferecer.

Gratidão a todos, nos vemos em 2023!!

Roberta Góes

Obrigado a todos pela confiança e disposição em compartilhar suas experiências mais íntimas conosco. E ao Sesc por nos proporcionar a possibilidade de aplicar e realizar um projeto que trata do nosso lado mais humano.

Sou muito grato por vivenciar todos estes encontros, repletos de energia e emoções. Como nossos antepassados, nos reunimos, em uma grande roda de conversa, e vimos cada vez mais aumentar a nossa cumplicidade e intimidade.

E, no fim deste processo, acabamos por gerar um novo relato só nosso, e que poderemos compartilhar com outras pessoas: o nosso encontro. Um pouco resumido aqui nesta publicação, mas acredito que muito maior em nossos corações.

Foi muito bom estar com vocês! Até breve!

Mauricio Cardoso

Relatos para as novas gerações

Durante os meses de outubro, novembro e dezembro de 2022, no Sesc Bertioga, alguns participantes do TSI (Trabalho Social com Idosos) se reuniram com Mauricio Cardoso e Roberta Góes e relataram suas experiências mais marcantes de vida. Foram mais de 50 depoimentos, e nesta publicação encontra-se uma seleção de 15 relatos deste grupo.

Produção

MC?

Realização

Sesc